

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 14 DE AGOSTO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 85.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Os nossos originaes.....	A REDACÇÃO
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Visconde do Bom Retiro.....	
Rachel, soneto.....	V. DE CARVALHO.
Jornaes e revistas.....	F.
Gazetilha litteraria.....	A.
Ao «Tim-Tim», poesia.....	A. DE SOUZA.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
Soneto (de Stecchetti).....	F. D'ALMEIDA.
Theatros.....	P. TALMA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Tratos á bóia.....	FR. ANTONIO.
Factos e Noticias.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

OS NOSSOS "ORIGINAES"

De ha muitos mezes que são insufficientes as dimensões d'A Semana para attender á quantidade dos « originaes » com que a honram os seus muitos colaboradores e mesmo aos trabalhos dos seus redactores. Cremos que, se em vez de oito tivesse a nossa folha dezeseis paginas, assim mesmo, continuaria a luta homérica que aqui se trava, e que nos consterna, entre a abundancia da collaboracão e o tremendo monstro *Falta de Espaço*. D'ahi a « caixa dos originaes » constantemente repleta, o paginador a regeitar materia, os colaboradores attribuindo-nos, injusta mas naturalmente, pouca vontade de acolhel-os e nós—immersos no desespero!

Esta luta chegou a tal ponto que tomámos a seguinte heroica resoluçãõ:—Catalogar aqui as riquezas do nosso

precioso escriptorio (caixa dos originaes,) e pedir humildemente aos nossos colaboradores e aos nossos assignantes a sufficiente paciencia para esperar a sua gradual publicacão. Antes de fazel-o, lembraremos que todos estes escriptos são inéditos, especialmente destinados á *Semana*, que se confessa confusa e penhoradissima. Começemos pela

PROSA

Enfermidades estylisticas, (continuaçãõ) por Araripe Junior; *Crise*, conto por Alcindo Guanabara; *A Velhice do Padre Eterno*, por Emygdio Monteiro; *Notas Criticas*, (C. C. Branco—Ultimas obras) por Valentim Magalhães; *Prosas simples*, de G. Gama, por Filinto de Almeida; *A Rehabilitaçãõ* (conto) por D. Julia Lopes; *Os nossos cemiterios*, por Alfredo de Souza; *Livros e Opusculos*, dois excerptos da obra que com esse titulo vae proximamente dar a lume o Sr. Guilherme Bellegarde; *Amor de Lazaro*, conto por Viriato Guimarães; *Bellas Artes*, sobre quadros da Sra. D. Abigail de Andrade e do Sr. Langerok, por A. Palheta; *O volapük*, por F. Sarcey, traducçãõ d'A Semana; *Correio*, por Enrico; *A memoria do coração* por Catulle Mendes, traducçãõ de R. Porciuncula. E outros, outros...

POESIA

Temos em o nosso precioso escriptorio, á espera do momento em que devem honrar as nossas columnas versos dos seguintes poetas:—brazileiros:—Raymundo Corrêa, Olavo Bilac, Alberto e Mariano de Oliveira, L. Murat, Alcibiades Furtado, Americo Lobo, Henrique de Magalhães, Alfredo de Souza, Arthur Mendes, Vicente de Carvalho, Alberto Silva, Izabel Soufo, J. Moraes Silva, Soares de Souza Junior, Edmundo de Barros, Arthur Duarte, João Aranha; portuguezes:—Joaquim de Araujo, D. Albertina Paraiso, Alberto Bramão, Bernardo Lucas e Alfredo Alves.

Este accumulõ de originaes causanos ainda este prejuizo:—privar-nos da collaboracão de muitos escriptores estimados que, sabendo da falta de espaço que nos tortura, se abstêm de escrever para *A Semana*.

Esperamos, no emtanto, do favor publico—que nos não tem faltado até hoje—poder obviar a tantos obstaculos—crescendo, crescendo cada vez mais...

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

« PAIZ »

Si le « Brésil » pouvait connaitre votre prix...

« GAZETA »

Si le siècle rendait justice aux beaux esprits...

« PAIZ »

En carrosse doré vous iriez par les rues.

« GAZETA »

On verrait le public vous dresser des statues.

Foi assim que, como as de Trissotin e Vadius nas *Femmes savantes* de Molière, começaram as relações do *Paiz* com a *Gazeta de Noticias*.

*

« GAZETA »

Vous donnez sottement vos [qualité; aux autres.

« PAIZ »

Fort impertinement vous me jetez les vôtres.

« GAZETA »

Allez, petit grimaud, barbouilleur de papier.

« PAIZ »

Allez, rimeur de balle, opprobre du métier.

Ma plume t'apprendra quel homme je puis être

« GAZETA »

Et la mienne saura te faire voir ton maître.

E' neste pé que estão essas relações agora, no momento em que escrevemos esta abominavel chronica da semana.

Conflicto de vaidades e choquo de interesses, estas luctas, se são desagradaveis porque sempre nellas se vé uma tal ou qual explosão de rancor por muito tempo contido, têm a grande utilidade de desembugar a franqueza e fazer saber ao publico o que realmente pensam no imo peito uns dos outros os grandes directores da opinião. Quem, em toda esta questãõ, está mais gravemente compromettido é o Sr. Quintino Bocayuva, o illustre redactor principal d'*O Paiz*. O artigo da *Gazeta* de hontem e a propria declaracão do projecto jornalista, n'*O Paiz* de ante-hontem, bem clara e positivamente demonstram que o Sr. Bocayuva foi *atirado ás urtigas* pelo patrão.

Não é a primeira vez que este deploravel factõ se dá na nossa imprensa e o caminho que o desconsiderado—ainda desconsiderado involuntaria e irreflectidamente—tem a seguir em tal emergencia, já foi apontado e demarcado por outro jornalista, ha um anno e pouco. Do procedimento d'esse outro jornalista, insinuado e tacitamente indicado pelo proprio Sr. Quintino Bocayuva, que foi parte importante no incidente occorrido então, parece que deve decorrer agora logicamente o procedimento do redactor chefe d'*O Paiz*, se tal é com effeito naquelle jornal a posicão do Sr. Quintino. Todavia, como nem todos pensam da mesma maneira e como cada qual pode entender a seu modo a susceptibilidade e a dignidade pessoal, talvez haja uma ou mesmo muitas tan-

gentes para uma resolução diversa e para um procedimento diferente.

Nós somos insuspeitos no julgamento d'esta questão, porque, se a *Gazeta* nos prende a sympathia e a gratidão, prendem-nos ao *Paiz* eguaes sentimentos e commungamos com elle das mesmas idéas sociaes e das mesmas aspirações politicas.

Acção bella e de notavel interesse para os effeitos da propaganda abolicionista do Brazil, foi a que, na noite do seu beneficio, praticou a gentil cantora Nadina Bulicloff. Sabendo que alguns dos seus numerosos admiradores pretendiam offerecer-lhe naquella noite uma joia de valor, encontrou no seu generoso coração de mulher e na sua grande alma de artista a abnegação sufficiente para transformar os diamantes em preço de cinco pessoas e as notas da sua privilegiada garganta em doces cantos de liberdade. Se esta bellissima acção fosse imitada por todos os artistas que recebem presentes de grande valor nos seus beneficios, quantas lagrymas seriam enxugadas e quantas cadeias da escravidão seriam despedaçadas no Brazil! As sobras dos ricos dão muitas vezes para a felicidade dos pobres.

« Quando ti specchierai, ti dica il core
« Che una perla rapita ai tuoi capelli,
« Solo una perla può salvar chi muore.
A piedosa verdade d'estes admiraveis versos de Stecchetti, ficou salientemente provada com a generosa acção da grande cantora russa. Bem hajam aquelles que, mesmo sem sacrificio, espalham o bem e acodem á maior miseria dos tempos modernos.

A eleição de senador por Minas tem demonstrado que não é graude a influencia do partido conservador naquella vasta provincia. Até ao que hontem se sabia, os nomes mais votados, com maioria consideravel, eram os dos Srs. Cesario Alvim, Carlos Affonso e Candido de Oliveira, todos liberaes dos quatro costados.

Na Corte e nas provincias do norte menor é ainda a influencia do partido que está no poder, depois do escandalo praticado com José Mariano.

E como o Sr. Theodoro Machado destruiu num momento todas as minhas illusões! E' verdade! Elle lá está repimpado na cadeira do outro. Pois que lhe faça muito bem e lhe dê muito gosto c assento...

No sabbado passado deu-se uma engraçadissima scena de entremez na estação de policia da rua do Marquez de Pombal. Foi uma balburdia. O subdelegado brigava com o commandante da estação, e o major fiscal do corpo militar de policia, chamado pelo telephone, quando procurava serenar os animos, foi preso... pelo subdelegado. Que havia de fazer o major? E' muito simples: prendeu tambem o subdelegado. E ora ahí está como duas auctoridades se põdem prender mutuamente, para divertimento das multidões e espanto do carioca pasmado!

Não sabemos que resolveu neste tremendo conflicto o Sr. chefe de policia; sabemos, porém, o que elle devia fazer: Era dar o commando geral da policia ao alferes da estação, promover o major a tenente coronel, dar uma delegacia ao subdelegado—e pôl-os todos tres, por oito dias, na vitrine do *Colosso de Rhodes*, para que o povo os admirasse bem. Depois do que, S. S., tendo-lhes adrede pregado ao peito uma pendureza qualquer de Christo, delicadamente e urbanamente os mandaria todos, de sucia e de braço dado, na doce paz da reconciliação,—à fava!

FILINDAL

VISCONDE DO BOM RETIRO

Após dolorosos e prolongados soffrimentos, expirou ante-hontem o Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, visconde do Bom Retiro.

Com magua profundissima foi recebida esta lutuosa noticia. O visconde do Bom Retiro era um brasileiro que, despido de ambições moldadas no egoismo individual e tacanho, poz ao serviço d'este Imperio toda a opulencia do seu invejavel talento e da sua respeitabilissima erudição.

A politica de campanario, a nossa politicagem, este asqueroso polvo que com os seus tentaculos tem sugado e enlameado a alma de muitos cidadãos, não poudo captivar a d'aquelle cuja perda hoje nos enluta. Homem superior, alou-se á illuminada esphera do Bem, e de lá via serenamente,—como a um exercito a marchar muito em baixo, na bruma,—o doido desfilar dos nossos partidos politicos, que se guerreiam, envolvidos pela nuvem negra das paixões pessoas e egoisticas.

Muito fez o visconde do Bom Retiro no magisterio, no Parlamento, na Administracção, nos conselhos da Corôa. Aproximou-se do throno, não attrahido pelo iman das altas posições concedidas áquelles que se aclimam á athmosphera da realza, mas simplesmente, unicamente para melhor servir a causa da patria.

E servio-a.

O Sr. D. Pedro II perdeu nelle um dos seus poucos e verdadeiros amigos e um dos seus mais dedicados servidores; e talvez tenha que lamentar no intimo da sua alma a falta d'aquelle benefica influencia nos negocios administrativos.

Não podiamos concluir melhor esta rapida noticia do que repetindo as palavras de Sua Magestade junto do leito em que agonizava o seu devotado e illustre amigo:

— E' a consciencia mais pura que tenho conhecido.

Pezames á patria.

RACHEL

A FILINTO D' ALMEIDA

Volvo, saudoso e alegre, a este ermo, de onde Sahi criança e onde não mais volvêra:
A ultima flor da minha primavêra
Morta, sob estas arvores se esconde.

E ainda hoje tudo que com os olhos sonde:
Arvores, sombra, os muros cheios de héra,
Tudo lembranças na minh' alma gêra,
Tudo a reminisceucias me responde.

Tudo acho o mesmo... Unicamente aquella
Arvore, em cujo dorso o nome d'ella
Tremulamente as minhas mãos gravaram,

Perdeu as letras com o correr dos annos...
E esse nome que os annos lhe apagaram
Não m'o apagaram da alma os desenganos.

VICENTE DE CARVALHO.

JORNAES E REVISTAS

GAZETA DE NOTICIAS

Ha onze annos completos, no dia 1 de Agosto de 1875, appareceu nesta capital uma pequena folha, que se apresentava modestamente, é certo, mas com uma feição inteiramente nova e desconhecida do jornalismo nacional de então. A *Gazeta de Noticias*, ideada na alegre redacção do mais hilariante, do mais patusco, do mais gracioso e do mais satyrico jornal illustrado que jamais houve no Brazil, resentia-se do character despreoccupado e mordaz do papá *Mosquito*, o que não admira, visto que os seus redactores eram os mesmos da importante folha caricata: Ferreira de Araujo, Elyσιο Mendes e Manoel Carneiro. A esta feição alegre, e, digamol-o francamente, um tanto futil, deveu a *Gazeta* o seu exito e os primeiros successos alcançados.

Povo superficial e pobre, precisava de um jornal leve e barato.

O *Jornal do Commercio* era o unico jornal de importancia; mas a sua prosa era então ainda mais espessa e mais pesada do que é hoje, e, além disso, custava cada folha *meia pataca!*

Havia, pois, necessidade de um jornal cujo preço estivesse ao alcance de todas as bolsas e cuja leitura não esmagasse de todo a paciencia da gente.

Foi o que, nitida e claramente, comprehendem os tres redactores da *Gazeta de Noticias*; e fizeram, por consequencia o jornal de que o povo tinha necessidade.

Trabalharam muito, venceram enormes difficuldades, sustentaram uma lucta terrivel contra o despeito de uns, a má vontade de outros e a inveja de terceiros; mas, afinal, a posição sympathica e popular em que se collocaram na celebre questão do drama *Os Lazaristas*, acabou por tornal-os vencedores. D'ahi para cá a vida da *Gazeta* tem sido uma serie ininterrompida de esplendidos triumphos.

Releva notar que a *Gazeta* conservou, com pequenas modificações, a sua feição primitiva, mas ampliou os seus ideaes, firmou a sua orientação, creou e consolidou as suas bases moraes pelo respeito publico e as materiaes pela fortuna adquirida, e discutiu sempre com a mais louvavel isempção todas as questões sociaes e politicas, não faltando nunca com a palavra do seu conselho ou da sua meditação, quando se tractava de defender ou guiar o animo publico, encaminhar a opinião transviada, profligar os abusos do poder, atacar os maus e proteger os fracos.

Se a *Gazeta* tem tido erros, resgata-os largamente a grande somma de serviços que tem prestado, tanto ao paiz como a instituições particulares e a obras de utilidade geral.

Foi na *Gazeta* que verdadeiramente se fez jornalista o Dr. Ferreira de Araujo, — que é hoje um dos pouquissimos homens de imprensa dignos do nome de jornalistas, — e cujo alto espirito, grande talento e rara isempção em politica lhe dão um seguro e limpido criterio para julgar dos homens e das cousas d'esta terra, onde todos, ou quasi todos, têm um ponto de vista—ou rotineiro pelo estacionamento e pela tradição, ou acanhado pelo exclusivismo das idéas politicas.

A *Gazeta de Noticias* muito deve tambem a litteratura nacional, pois que as suas columnas estiveram sempre francas e abertas para receber as produções de todos os engenheiros, conhecidos ou desconhecidos, mestres ou neophyts, prosadores ou poetas.

A importancia de que hoje gosa a

Gazeta de Noticias não precisamos nós affirmar-a. Todos a conhecem, todos a sentem e bem a demonstra o facto de ser o jornal de maior circulação do Imperio, pois que, podemos garantil-o, a sua tiragem é em quasi todos os dias superior a 24,000 exemplares, embora conserve ainda este numero no alto das suas columnas.

A *Semana* serve-se d'esta occasião para, felicitando cordialissimamente o director e os actuaes redactores da *Gazeta de Noticias* pelo seu undecimo anniversario, manifestar-lhe a sua consideração, o seu alto apreço e a sua profunda sympathia.

F.

GAZETILHA LITTERARIA

Com o titulo— *Camoneana Brasileira, homenagem a Camões no tricentenário de sua morte*, publicou o Sr. Barão de Paranapiacaba um opusculo de 156 paginas, destinado a servir nas escolas de instrucção primaria,

Consiste o trabalho do illustre homem de letras em um resumo, em versos de variado metro, dos oito primeiros cantos dos *Luziadas*.

Não atinamos bem qual seja a utilidade pratica d'este trabalho. Podemos, porém, asseverar que elle representa um grande esforço e uma alta e perfeita comprehensão do grande poema immortal de Camões.

Os versos do poeta brasileiro são sempre fluentes, puros no metro, ricos na linguagem, nobre e tersa e vernacula.

Não menos importancia que o trabalho dos versos tem o das notas explicativas de cada canto. Estas notas, eruditissimas, recolhem o transumpto do que ha de melhor, escripto sobre as passagens do poema e estão cheias de considerações e reflexões originaes, que revelam cuidado extremo e que são illustrativas de muitas obscuridades, invencíveis á penetração dos alumnos das escolas, para os quaes o Camões estreme é sempre uma tortura e um pezadelo.

Acreditamos que o livro será adoptado para as escolas primarias, que bem o merece a vernaculidade da sua linguagem, para exemplo da arte de bem escrever, e porque as suas notas dão-lhe não vulgar importancia pelas boas lições que encerram.

A.

AO « TIM-TIM »

(IMPROVISO NO DIA DE SEUS ANOS)

*Amigos, como é bello em meio da existencia,
Cheia de odios e fel, de parcas alegrias,
A gente approximar-se, um dia, da innocencia
E d'entre a nossa noite exaltar os seus dias!*

*Faz tanto, tanto bem! A noss' alma, ferida
Pelo embate da sorte, ala-se alegremente,
E brilha como a estrella, e julga que esta vida
E' de amor um poema, eterno e refulgente.*

*Por isso é que hoje aqui me levanto, pedindo
Aureas frêchas ao sol, perfumes às violetas,
Para versos fazer eguaes, no azul infindo,
Aos sues, e á primavera, ao lyrio e às borboletas.*

*Mas como tudo é vão! As rimas que compon ho
São como a minha lyra humillima, tacanha,
Passa-me a inspiração, rapida como um sonho;
Meu verso é como a flor aos pés de uma montanha!*

*Pois bem; pequena flor, é d'ouiro o teu destino:
Vaes ser feliz emfim: vaes morrer, desfolhada,
Aos pequeninos pés d' este anjo pequenino,
Que é de um formoso dia a limpida alvorada.*

Rio, 11 de Agosto de 1886.

ALFREDO DE SOUZA.

CARTAS DE LISBOA

CONTINUAÇÃO DA REVISTA RETROSPECTIVA; — THEATROS.

Quando principiei a escrever a revista retrospectiva de que me occupi na carta precedente, tencionava fazer uma simples resenha do movimento litterario e artistico, relativo ao tempo decorrido até então desde que fui obrigado a interromper as minhas correspondencias para *A Semana*; mas, insensivelmente, fui-me estendendo e de tal maneira que, tencionando ainda escrever mais extensamente sobre a *Velhice do Padre Eterno*, nem mesmo terminei a revista retrospectiva, deixando de fallar sobre theatros e bellas artes.

Para não adiar mais uma vez o meu estudo sobre o livro de Guerra Junqueiro, escreverei hoje de theatros somente, deixando a revista artistica para uma das correspondencias mais proximas.

THEATROS

Do movimento theatral pouco tenho que dizer, infelizmente.

Todos sabem que o theatro portuguez é... o theatro francez.

Entre nós chama-se ladroeira a exploração que no Brazil se faz da litteratura portugueza; escrevem-se artigos e folhetos em que abundão phrases proudhonianas e em que se dizem coisas desagradaveis ao Sr. D. Pedro II; mas ao mesmo tempo acha-se que é muito mais commodo traduzir do francez um drama ou um romance e publical-o ou fazel-o representar sem licença do autor, do que escrever ou pagar um trabalho original. O que o Brazil faz com a nossa litteratura, fazemol-o nós com a litteratura franceza,— e com a mesma sem-ceremonia.

E' verdade que já se fez peor; já não é raro entre nós pagarem-se os direitos de autor ou editor. Mas quer em produções litterarias e dramaticas, como em musicas e estampas, e até em pintura e aguarella, ainda por cá se faz muita ladroeira, que é o termo; tratam-se as obras francezas como verdadeira roupa de francezes.

Os nossos dramaturgos, isto é: os individuos que entre nós escrevem para o theatro, preferem traduzir a inventar. Estão fóra da corrente naturalista por que está passando em todas as suas manifestações a arte de todos os paizes a que chamamos civilizados. Elles não pensam de modo algum em dar ao publico uma scena da vida contemporanea, nem pensam numa representação historica mais ou menos interessante; não fazem a peça decorativa, nem a scena de costumes nacionaes. Elles vão simplesmente a qualquer loja de livros usados, escolhem meia duzia de peças, á rasão de 40 rs. cada uma, vão para sua casa lél-as commodamente, depois do café, e d'ahi a tempo apparece nas esquinas o annuncio

de mais uma imitação ou traducção, nem sempre declarada, e o publico vae assistir a uma peça do theatro francez contemporaneo, ou, mais raramente, a uma imitação, no genero de Goldoni, das velhas fargas hespanholas ou do theatro portuguez de ha 50 annos.

De resto, ha a revista do anno, o genero mais apreciado do publico, chegando uma no anno passado a contar 250 representações.

São multiplas certamente as causas d'este estado de coisas; mas a mais importante, e que seria bastante por si só, é sem duvida, a egualdade da remuneração (a differença é insignificante) com que as emprezas theatraes, incluída a do theatro normal, acolhem indifferentemente um original ou uma traducção. Dada esta circumstancia, é claro que ninguem que não trabalhe por amor da arte, irá escrever uma peça original. Ora é sabido que, em toda parte, são poucos os que trabalham por amor da arte, mesmo onde as obras d'arte são pagas condignamente.

O que predomina, pois, nos palcos portuguezes é o theatro francez. E tão habituadas a elle estão as emprezas que um novo, um desconhecido, que se lhes apresente com um original debaixo do braço tem quasi a certeza de ser mal recebido e tem de vencer mil difficuldades para ver a sua peça em scena.

Assim se explica que a empreza do theatro D. Maria, onde ha actores de muito talento e arrojo, que não recuam deante de Shakespeare, regeitasse o anno passado *A Perola*, do Sr. Marcellino Mesquita, uma estreia magnifica de um moço de talento, depois representada com successo num theatro de segunda ordem. O caso mereceu á imprensa uma formidavel decompostura que aquelle senhor lhe deu, nas *Novidades*, e em que lhe disse coisas duras, mas quasi sempre justas.

Ha pouco tempo deu-lhe outra ainda mais forte o Sr. Abel Accacio, a quem ella recusou o drama em verso—*Germano*— e á qual a empreza respondeu, nos mesmos termos, chegando os contedores a usar de armas pouco limpas, e terminando a questão pouco dignamente,— á bengala.

Um theatro normal muito pouco normal, como vêm. Porque não pôde servir de desculpa ao procedimento da empreza, que tem obrigação de se respeitar, a circumstancia de ter razão, ainda que a tenha. E julgo que tem, quanto ao merecimento do drama, a avaliar por alguns excerptos que a empreza publicou em sua defeza e pelas mais obras que conheço do Sr. Abel Accacio, que me parece um talento desnordeado.

Em todo caso, é inadmissivel o rigor da empreza para com o *Germano*, que, boa ou má, era uma obra d'arte portugueza, desde o momento em que aquelles senhores não têm duvida em representar *Um drama no fundo do mar*.

Mas a empreza faz o que quer, porque ninguem lhe toma contas das suas acções. O governo não se importa com o theatro normal porque não vae lá: o seu theatro é S. Carlos, o theatro aristocratico, ao qual dá um subsidio de 25 contos por anno.

Ora o theatro de S. Carlos é um theatro de opera italiana, e é um theatro para aristocratas, um theatro para ricos. Pois, quem quer regalar-se a ver bellas mulheres e ouvir boa musica, que pague, que é o que se faz em toda parte.

Se S. Carlos tem subsidio, com muito mais direito o deve ter D. Maria, que tem obrigação de representar o theatro nacional.

A empreza tem de fazer despesas im-

portantes para pôr uma peça em scena dignamente; e a roceira é pequena. E' claro que, não fazendo elles reduções nos seus ordenados—e isso não é de esperar—os autores das peças é que o pagão.

Para esse subsidio tem o governo uma somma importante na verba que no orçamento vem marcada para essa escandalosa cousa a que se chama: *aposentação dos actores*.

Escandalosa, digo, — porque o é. A uns senhores que passaram a sua vida a ganhar ordenados de generaes, porque contribuíram para educar ou divertir o publico, dão-se-lhes uns 728000 mensaes para passarem o resto dos seus dias em descanso; e aos que fizeram as obras que elles representaram faz-so-lhes um beneficio, quando estiverem na miseria. A'quelles que representam para distrahir os que têm dinheiro dá-se-lhes dinheiro para viverem sem trabalhar: o o que se dá ao autor de uma centena de livros que têm distrahido, que têm consolado muitos milhares de pessoas? O que se dá, por exemplo, ao venerando mestre de S. Miguel de Seide? Dá-se-lhe um titulo, e se quizer pagar as suas dividas que venda a livraria. (1) Pois não têm muito mais direito á reforma, isto é: ao descanso garantido no futuro, á paz dos ultimos dias, ao patrimonio dos filhos, aquelles que passaram a sua vida a trabalhar para a felicidade dos contemporaneos e dos vindouros, talvez miseravelmente, muitas vezes mal vestidos e mal alimentados, vendo as riquezas triumphantes, assistindo de longe aos prazeres dos outros, trabalhando na sombra e no isolamento, passando despercebidos, e ás vezes desapreciados até aos ultimos annos da vida, mas deixando para todo o sempre uma bella obra d'arte, um poema, um romance, uma melodia, um quadro ou uma estatua, que não de fazer a admiração e o encanto de quantos as conhecerem; e aquelles que de qualquer modo fizeram dar um grande passo ao progresso dos conhecimentos e da felicidade humana, aos que fizeram as grandes descobertas ou resolverem os grandes problemas da industria e da sciencia?

Houve um Alexandre Herculano que escreveu a *Historia de Portugal* e uma carta despedindo-se da Academia das sciencias? Pois a sua obrigação era trabalhar, era combater até á ultima hora, (2) mesmo quando lhe negassem os meios de o fazer. O que é que lhe deram? Nada. Até lhe negaram o direito de ir descansar na sua aldeia, cuidando da sua lavoura. (3)

O que deram a Julio Diniz, que fez as *Pupillas do Sr. reitor* e a *Morgadinha dos cannaviaes*? Já algum dos illustres paes da patria falou em se dar alguma cousa a esse gigante de trabalho que se chama Theophilo Braga, ou a João de Deus, que fez as *Flores do campo* e fez a *Cartilha maternal*?

Não. Que se façam actores, se quizerem: para esses e que está a vida.

Mas agora reparo que já me alarguei de mais. Que demonio de penna a minha!...

Tudo isto veio para dizer que a respeito de theatros só tenho a registrar duas peças verdadeiramente notaveis; *A Perola*, do Sr. Marcellino Mesquita, e *O Duque de Vizeu*, drama historico, em verso, do Sr. Lopes de Mendonça.

D'este já sabem que é o maior successo theatral dos ultimos annos; que a

imprensa foi quasi unanime em lho tecer os mais levantados louvores; que se escreveu que é a melhor peça representada desde o *Fr. Luiz de Sousa*; que o seu drama já foi qualificado de poema; que o seu auctor tem sido extraordinariamente victoriado; que S. M. El-rei lhe conferiu, em homenagem, o habito de S. Thiago; etc., etc.

Por isso se vê que o drama do Sr. Lopes de Mendonça tem merecimento real, porque não agitaria a tal ponto a opinião publica, se o não tivesse. Mas devo dizer que ó fora de duvida que o entusiasmo seria muito menor se estivessemos habituados a ver mais amudadamente boas peças theatraes. Em terra de cegos quem tem um olho é rei.

Como obra litteraria, o drama do Sr. Mendonça está abaixo dos elogios que lhe têm sido feitos, sem, contudo, ser uma obra inferior. Como obra theatral, sim; o Sr. Lopes de Mendonça mostrou-se dramaturgo de largo futuro. No encadeamento dos successos, no achado das situações, o Sr. Mendonça parece um auctor experimentado e conhecedor de todos os segredos e *ficelles* do officio. *O Duque de Vizeu* foi um grande encontrão dado na semsaboria e na insignificancia do theatro portuguez: commoveu a Opinião, — o que é dizer tudo.

E' uma obra d'arte; é obra de um verdadeiro litterato, que tem a sustentar o bom nome que herdou de seu tio, o illustre folhetinista, e a honrar o nome glorioso da familia a que se uniu. Como sabem, o Sr. Lopes de Mendonça é casado com uma filha de Manoel Maria Bordallo Pinheiro, o pae da trindade de artistas que todos admiramos. Além disso, elle é membro de um pequeno grupo de escriptores e artistas que têm ponto de reunião no café *Leão d'ouro*, onde se fala de arte o se bebe cerveja alegremente todas as noites, café cuja physionomia eu lhes descreverei talvez um dia, quando tiver vagar. O Sr. Lopes de Mendonça nada tem de commum com esses vendilhões do templo, que enxameão o nosso mercado litterario. E' um convicto.

EMYGDIO MONTEIRO

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO ORGANISADA PELOS ALUMNOS DA IMPERIAL ACADEMIA DE BELLAS ARTES.

(Continuação do n. 84)

O que falta ao Sr. Bento Barbosa é uma observação superior, que penetre até o intimo dos individuos, que os vires pelo avesso, de dentro para fóra, apanhando-lhes o traço moral com a mesma expressão e firmeza que o traço physico deformado pela satyra. Se para a *charge* uma das primeiras necessidades é o *ehic*, a expontaneidade, a rapidez do desenho, o bom movimento, a vida e a graça do traço e do contorno, não é parte secundaria a orientação intellectual do artista, a sua educação, porque para interpretar com exactidão os costumes e o temperamento de um povo não basta saber desenhar e fazer gibosidades.

Um caricaturista que, para ridicularisar um nescio, desenha-o com cabeça de burro, faz de sua obra a mais viva critica da sua propria pessoa, mostrando pobreza de espirito, isto é: falta de educação e de talento. Assim, para que o joven artista venha a ser o que tão claramente promete nessas provas expostas, não desprezar os bons mestres, estudando-lhes a intensidade do

pensamento, a subtiliza da ironia, o processo do analyse dos pontos vulneravos dos costumes da sociedade com a qual viveram e da época em que trabalharam.

Carracho, Kaulbach, Hogarth, Cru-leshank, Rowlandson, Charlet, Grandvillo, Cham, Gavarni e Daumier devem ser os guindadores do joven caricaturista; não ha, no genero, meliores mestres para quem deseja ser mais alguma cousa do que rabiscador de figurinhas.

Não se illuda o Sr. Barbosa: a caricatura tem uma missão tão seria como a do jornal. Um simples traço, uma figurinha corcunda, bojudá, plantada em duas patas de mosca, sorrindo para nós com a bocca desmesurada e os olhos arregalados, pôde estragar para todo o sempre uma reputação, reduzi-la a pó, a escuma, a nada!... E' preciso ver e analysar com muita perspicacia, e criticar com uma prodigiosa ironia que se interne, firme e aguda, até o fundo das chagas, sem prejudicar caracteres dignos de ostima e veneração.

Além d'essa collecção de caricaturas o intelligente alumno expõe alguns quadros pintados com certa largueza, tornando-se notaveis pelo vigor e expressão duas cabeças a *pastel*. Os alumnos Arthur Lucas, Pinto Gouvêa, Alberto Delfino e Jubim apresentam estudos a *fusin*, que mostram trabalho e sentimento artistico dos seus auctores, particularmente a cabeça de Longfellow, trabalho d'esse ultimo alumno, que tem muito boa expressão e é feita por uma maneira simples e algum tanto larga.

O alumno Eduardo de Sá é o que maior numero de trabalhos expoz. Entre os quadros de fructos destaque dois — *Melancia* e *Romãs* — que têm bom colorido e parecem estudados *d'après nature*. Reparando-se com attenção nos seus vinte e dois quadros, uma impressão boa nos fica dentro d'alma: o Sr. Eduardo de Sá é um alumno laborioso e intelligente. De trabalho a trabalho, vae-se encontrando melhor desenho, maior cuidado de perspectiva e de colorido, que nos faz acreditar no proximo apparecimento de um artista consciencioso. Uma das tres miscellaneas expostas prova bem que elle se dedica com decidida vontade ao estudo da pintura. No meio da teta figura um gesso, envolvido por um véu de gaze cor de rosa. No fundo, no pedestal da estatua, dobram-se diversos pannos; um galho de trepadeira serpenteia em torno do pedestal e perde-se, por entre as dobras de um panno azul, para o fundo da teta.

A luz que a banha foi distribuida com alguma pericia; unicamente parece-me demasiada para o relevo do grupo que o alumno procurou vencer pelas duas cores claras — branco e rosa — que chamam a attenção do espectador. De resto, ha certo gosto artistico na reunião dos objectos, porém na combinação das cores acho-o burguez.

Rosa, azul e branco — assim reunidos... Mas, neste caso, o melhor é esperar que o artista appareça.

(Continúa)

ALFREDO PALHETA

A mulher boa, meiga, mas ignorante, pode — ainda assim — tornar o lar domestico num asylo casto, numa enseada tranquilla. A mulher doce, carinhosa, mas instruida, de talento, com a dupla chamma immaterial do amor e da intelligencia a flammejar-lhe no coração e no cerebro, essa tornará o recinto da familia prestigioso como um templo, invencivel como as mais roqueiras cidadellas.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

(1) Vide *Narcóticos*, 2º vol.
(2) *As Farpas*, 1877; tomo X.
(3) *Ibidem*.

SONETO

(STICCHETTI)

Ninguém pode dizer quanto eu amei
Esta mulher, á cêra semelhante,
Em quem nunca um sorriso divisei,
Que nunca chora, e se abandona amante?

Quanta vez aos seus olhos implorei
Um só ralo de luz de amor brilhante!
Quanta vez a alma, em vão, lhe procurei
Nos beijos que me dava a cada instante!

E quanta vez no seu secreto leito
Este fogo fatal que me devora,
Louco, tentei comunicar-lhe ao peito!

Quanta vez amaldiçoei, na hora
Da dor, em sangue o coração de-feito,
Este espectro de amor, que inda amo agora?

25 de Julho, de 1886.

FILINTO D' ALMEIDA.

THEATROS

RECREIO DRAMATICO

Companhia do Theatro D. Maria II, de Lisboa

«O DUQUE DE VIZEU»

Não ha ouvido de critico, por mais apurado e affeito ao juizo instantaneo e immediato de uma peça theatral, que possa julgar com segurança consciante uma obra tragica em verso, assistindo uma unica vez á sua recitação sobre um palco. E' o que nos acontece a nós, que, ainda assim, não somos criticos, com relação ao *Duque de Vizeu*.

Tanto quanto pudémos na terça-feira apreciar esta notavel e grande peça, representada pela companhia D. Maria II, ella pareceu-nos ter altissimo merecimento litterario. Notámos-lhe elegancia, formosura e pureza de linguagem; os versos pareceram-nos de inteira correccção metrica, grande sonoridade rythmica e com uma certa nobreza de rimas, coisa que rara vez se encontra nos grandes poemas dramaticos como é *O Duque de Vizeu*. Satisfeito deve estar sem duvida o Sr. Henrique Lopes de Mendonça, — herdeiro do nome e titulos litterarios de seu tio, o chorado e elegante folhetinista da antiga *Revolução de Setembro*, — pela unanimidade dos louvores da critica portugueza, aos quaes se ajunctam agora os da critica brasileira, tão exalçadores uns como outros.

Digamos, comtudo, já que não regateamos elogios ao bello trabalho do poeta portuguez, as desagradaveis impressões que nos causou por vezes no seu drama a falta da verdade historica.

Para a urdidura da intriga politica precisou o auctor de dar uma amante ao Duque de Vizeu. Era natural que inventasse de sua fantasia uma mulher qualquer, pois não é crível que um mancebo nobre, rico, leviano e enfatuado aquelles tempos, não tivesse ao menos uma aventura de amor; o que é censuravel é ter-lhe o poeta dado a Margarida Tinoco, mulher que todos os historiadores e chronistas accusam mancebo ao bispo de Evora, D. Garcia de Mendonça. Parece-nos que melhor avisado seria o poeta se desaproveitasse na acção aquelle Diogo Tinoco, irmão de Margarida, que foi na verdade o pri-

meiro delator da conspiração, mas que morreu logo depois, para aproveitar D. Vasco Coutinho, irmão do encomendador de Cesimbra D. Guterres Coutinho; o qual D. Vasco, como segundo delator, tomou no caso importancia maior do que a que teve Diogo Tinoco.

Deste modo, podendo dar outros amores ao Duque para os effeitos da urdidura e interesse affectivo da acção dramatica, guardaria o respeito devido á tradiçáo e á historia, mesmo porque o dito Tinoco falleceu muito antes do assassinato do Duque, logo depois de lhe serem dadas pelo rei as mercês de cinco mil cruzados em ouro, e seiscentos mil réis de renda em beneficios logo nomeados, o que faz crer que o rei D. João não poupou o frasco de veneno a que allude o poeta no 5º acto.

Assim ficou desaproveitado o grande typo de D. Vasco Coutinho, que para o drama tinha ainda o interesse de ser inimigo do rei, que depois o cumulou de beneficios e de honrarias, e que, afinal, foi o verdadeiro causador da morte do duque, porque era quem, por meio de Antão de Faria, avisava D. João de todos os passos e projectos dos conspiradores.

Desattendendo-se, porém, da condição historica do drama, a obra do Sr. Henrique de Mendonça resulta limpa de qualquer pécha e desinquinada de imperfeições vultosas.

Os caracteres estão, a nosso ver, magnificamente desenhados. O typo de Dom João II, é soberbo de verdade, e pena é que o poeta não entresachasse na acção alguns actos da sua habilissima politica de ardis, o que daria mais egualdade e mais rigor historico ao acto dramatisado. Acto que, como o do assassinato juridico do Duque de Bragança, fazia parte do plano geral da sua politica interna, á qual, talvez com boas intenções, elle por vezes sacrificou os seus affectos e as suas conveniências pessoais. Ora, como d'essa politica dimanava, ainda que incipiente e embryonaria, uma das conquistas da democracia: o abatimento da nobreza feudal, que foi a grande obra do reinado de D. João II, isto attenuaria um pouco os crimes do rei, no drama, como de facto os attenuou na Historia. Tirante esta falta, o caracter do principe antes *habil* que *perfeito*, deve ter sido como nol-o apresenta o poeta.

Assim os outros personagens, sendo para notar, sobre todos, o infante Dom Manoel, que em duas scenas o poeta conseguiu pintar perfeitamente. Está ali o principe irresoluto, covarde e villão, que se não peja de receber os bens de seu irmão, outorgados pelo proprio assassino que lh'os confiscara; está ali o traco odiento, que accitou da noiva a condição ante-nupcial da expulsão dos israelistas do reino, com a torpe confiscação dos bens e roubo das crianças a titulo de piedade christã.

Diogo Tinoco é que não foi, talvez, o que nos apresenta o poeta. No drama este personagem é um homem do povo; ora o redondissimo Rezende diz no cap. LIII da chronica de D. João II: El-rei foi primeiramente avisado d'este caso por Diogo Tinoco, *homem fidalgo*, a quem o bispo d'Evora, por ter por manceba uma Margarida Tinoco sua irmã, a que queria muito grande bem, e por confiar muito n'elle, lhe deu d'isso parte; por onde se vê que Tinoco não era do povo e que não soube da conspiração pela irman, mas pelo proprio bispo.

Apezar d'isto, a peça tem bellos lances dramaticos, scenas de grande emoção e effeito, rasgos soberbos de talento; tudo bastante para dar ao Sr. H. de Mendonça foros de fidalgo nas lettras portuguezas, especialmente no ramo thea-

tral, tão arçado de espíhuos, tão embaraçado de difficuldades. Que se não poderá esperar de um poeta que, como promicia do seu talento dramatico, nos dá uma obra de primeira ordem, como incontestavelmente é *O Duque de Vizeu*? No vastissimo e glorioso campo da historia patria ha muitos dramas sepultos, a que o Sr. Lopes de Mendonça pôde, já agora, deve insufflar a vida do seu grande talento. Devenos esperar estes milagres do auctor do *Duque de Vizeu*.

Agora o desempenho.

Destacou-se, logo nas primeiras scenas, o importantissimo vulto de João Rosa no deslumbrante vestuario de D. João II. Esplendida e soberba enação e, sem duvida, a do grande rei, para a gloria do notavel artista portuguez. Poucas vezes temos visto no palco uma interpretação.

Tão perfeita, tão acabada, tão correcta, tão extraordinariamente verdadeira e humana; poucas vezes temos visto *riser* um personagem arrancado aos profundos sarcophagos da Historia, com tamanha intensidade de vida, com tão flagrante vigor de acção, com tão maravilhosa verdade! O typo de Dom João II que nos dá João Rosa é um milagre de interpretação, um assombro de rigor artistico.

E' profundamente consolador para a critica, como se honra e préza de ser a nossa, — o poder dar tão d'alma e tão convictamente, como hoje damos, os *bravos* que um notabilissimo e superior trabalho d'arte lhe provoca, e que a propria emoção pessoal, num êsto de entusiasmo, obriga a soltar como o melhor dos applausos e o mais seguro dos julgamentos. O papel de D. João, tal como o fez João Rosa, basta para collocar este artista no plano dos primeiros do seu tempo, com tanto talento, com tanta egualdade, com tanta arte foi representado.

Não podemos dizer o mesmo do Sr. Augusto Rosa, a quem não temos poucado elogios. Este artista não tem, a nosso ver, nenhuma qualidade para o drama; é actor comico e, no seu genero, correcto como poucos. Não podra, pois, fazer mais do que fez no papel do duque de Vizeu, que em Lisboa foi feito por Brasão. E' louvavel o seu esforço, mas pouco apreciavel o seu trabalho.

Virginia recita muito bem os versos, e faz uma boa Margarida; foi notavel em algumas scenas, principalmente nas amorosas, a que muito se presta o harmonioso e dulcissimo timbre da sua voz, que ella sabe repassar de ternura e ungr de fundo sentimento.

A punhalada que vibra no proprio peito é que nos pareceu dever ser mais rapida e mais forte. A mesma falta de vigor na acção do golpe notamol-a em João Rosa quando mata o Duque.

Não comprehendemos que a Sra. Virginia entro em todos os actos, que são passados em tres logares differentes — Santarém, Palmella e Setubal — sempre com o mesmo vestido.

Dizem-nos que a critica portugueza teceu grandes elogios á Sra. Amelia da Silveira no papel da rainha D. Leonor. Como não queremos discordar dos collegas de Portugal, accitaremos sem reluctancia a rainha que nos dá a gentilissima actriz.

Falco faz uma magnifica infanta D. Beatriz; tem a necessaria serenidade e altivez.

Antunes, Baptista Machado e Silva Pereira, fazem muito bem os seus papéis de Bispo de Evora, Diogo Tinoco e Antão de Faria. A Sra. Alexandrina... representa D. Manoel.

Os demais artistas não têm papéis mencionaveis.

A peça está vestida com muita riqueza e rigor historico. A corôa real que a rainha traz na cabeça, no 5º acto, apesar de ser muito bonita, parece-nos que não é da época. Os scenarios, tirante o do segundo acto, que é magnifico, não merecem senão censuras á descuidada empreza que, tendo ganho desabotinadamente com esta companhia, não teve o capricho de encenar bem, nem, ao menos, uma peça espectacular e lucrativa como *O Duque de Vizcu*.

*

Fez hontem beneficio neste theatro o archi-sympathico e distincto actor Baptista Machado. Representou-se a *Fedora*; Augusto Rosa recitou admiravelmente o engraçado monologo *Os gatos* e o beneficiado o seu conhecido e muito applaudido *Um idylio*. Flores, applausos, abraços, felicitações e presentes—nada d'isto faltou ao heroe da festa que de muito mais ainda é merecedor.

Realisa-se amanhã, ao meio dia, no theatro Lucinda uma escolhida *matinée* em beneficio da estimada e talentosa actriz Amelia Bellido, viuva do saudoso actor Mauro.

E' de esperar que a beneficiada tenha uma *casa* magnifica pois além das sympathias que gosa do nosso publico concorrem para a execução do variado programma da sua festa os distinctos artistas Alvaro Ferreira, Polla, Baptista Machado e as actrices Cinira Pollonio, Adolina Abranches, Bellegrandi, Rosa Villiot e outras.

PRINCIPE IMPERIAL

Companhia do theatro Principe Real, de Lisboa

MARIA ANTONIETTA

O successo alcançado pela *Maria Antonietta* na sexta-feira transacta prolongou-se por algumas noites. Era justo. A peça teve um desempenho geral muito bom, afinado e egual; está bem vestida e cuidadosamente ensaiada. Que a Sra. Margarida Cruz não podia satisfazer inteiramente no desempenho do difficil e especialissimo papel da orgulhosa e bella filha de Maria Thereza, sabiam-n'o todos que a conheciam, pois lhe faltam as condições physicas para isso. E' de estatura exigua, e sobremodo debil e delicada, sem a potencia de voz e a largueza solemne de gestos que são imprescindiveis ao grande papel creado pela genial Ristori. Não obstante, conseguiu com a força do seu incontestavel talento dar brilho e realce a algumas scenas, especialmente a da despedida de Luiz XVI, a que imprimio muita energia e sentimento, sendo ruidosamente applaudida. Polla deu-nos um admiravel Luiz XVI, revelando-se de novo artista superior, provecissimo, de primeira ordem. Caracterisação, gesto, voz, attitudes—nada lhe faltou.

Via-se ali, por um d'esses extraordinarios milagres de arte, o rei timido, indeciso, desanimado e bonacheirão quasi endeusado na peça de Giacometti, que devia com a sua cabeça pôr o ponto final nos crimes e nas fraquezas da monarchia em França. Fez as scenas da despedida e da prisão com enorme sentimento e profunda verdade. Alvaro foi um Laffayette fogoso, intrepido, sympathico e devotado. Costa fez um admiravel Malheserbes, digno, solemne, venerando, bondosissimo. E' artista de grande merecimento. Gil foi um inexcedivel Simão, verdadeiro até á repugnancia. E' o melhor dos papeis

que até hoje tem feito aqui. DD. Maria das Dores, Mathilde, Elvira, e Adolina e os Srs. Brandão, Almeida, Pedro Nunes, e os demais artistas foram todos muito acceitavelmente nos seus respectivos papeis.

P. TALMA

SPORT

Realisaram-se com grande concurrencia no domingo passado as corridas do *Derby Club*. O programma, que era esplendido, constou de oito pareos perfeitamente preenchidos por parelheiros de merecimento.

O pareo do Grande Premio Derby Nacional foi perfeitamente disputado pelos melhores productos nacionaes de tres annos que em nossos hippodromos se têm apresentado. Convidando notar entretanto que um dos productos que neste pareo se alistou e correu tornou-se visivelmente conhecido por muitos proprietarios e amadores como animal francez, ha algum tempo importado para um dos melhores estabelecimentos d'este ramo de industria. Eis o resultado dos pareos.

No 1º pareo (1450 metros) correram doze animaes dos quaes apenas quatro tiveram classificacão. *Ivon* em 99 segundos bateu os seus competidores. *Villa Nova* fez boa corrida chegando em 2º lugar. *Biscata*, que deveria ser a vencedora, chegou em 3º lugar, o que não pudemos comprehender a não ser por *musica*. *Peralta II* teve o 4º lugar. Tambem correram *Americana*, *Araby*, *Eolo*, *Verbena*, *Sartarelle*, *Pretoria*, *Aranha* e *Aurora*.

No 2º pareo (1450 metros) *Feiticeira* em 103 segundos bateu os seus adversarios. *Galgo*, que chegou em 2º lugar, deveria ter ganho se o jockey não o tivesse soffreado propositalmente para dar entrada a *Feiticeira*. *Chapeco* chegou em 3º, *Pip* em 4º; *Condor* empacou ao sahir. *Onix*, *Odalisa* e *Jenny* não correram. *Judia* e *Relampago* vieram na bagagem.

No 3º pareo (1750 metros) *Coupon* fez uma brilhante corrida, batendo os seus competidores em 115 segundos. *Scilla* chegou em 2º, parecendo-nos indisposta. *Dignitaire* chegou em 3º lugar; ainda não está em condições de fazer boas corridas. *Speciosa* continua a dar desgostos ao seu proprietario: teve o 4º lugar. *Diomedes* veio na bagagem. *Aspasia*, *Gladiador* e *Dr. Jenner* não correram.

No 4º pareo (1750 metros) o valente *Druid* em 120 segundos venceu os seus adversarios. *Boyardo* fez boa corrida: chegou em 2º. *Bayocco* tem feito triste figura e ainda continua; teve o 3º lugar. *Aymoré*, *Guanaco* e *Caporal* vieram na bagagem.

No 5º pareo (2400 metros) *Phrynéa*, a vencedora do Grande Premio, estava perfeitamente em condições de disputar com adversarios muito fortes, mastal não succedeu; bateu no freio e com immensa facilidade a *Satan* e *Curubaí* que disputaram o 2º lugar, que coube a *Satan*. A corrida foi feita em 159 segundos. *Nana* e *Plutão* não correram.

No 6º pareo (2000 metros) o grande Premio *Derby Nacional* foi ganho pelo *Flotsam* em 142 segundos. Este producto, de tres annos, é um dos melhoes que se tem apresentado em nossas raias. Fez uma brilhante corrida, batendo-se galhardamente, desde o pulo de sahida até 1400 metros com *Monitor* que pouco tempo sustentou a luta, cedendo logo terreno a *Flotsam* que abriu luz, vencendo com facilidade os seus adver-

sarios. *Plutus* chegou em 2º, batendo *Monitor*. *Dandy* e *Plutão II* ficaram distanciados juntamente com *Famalido*, que correu propositalmente em condições de nada poder fazer.

Consta ser um animal o estrangeiro. *Remember*, *Lancaster* e *Blair-Athol* não correram.

No 7º pareo (2000 metros) *Boreas* venceu com alguma facilidade em 134 segundos a *Sylvia II*, que fez uma brilhante corrida, chegando em 2º. *Diva* ficou distanciada.

No 8º pareo (1609 metros) *Nicoas* não entendendo de *musica*, tocou de ouvido em 110 segundos e bateu os *ministros*. *Ivon* teve o 2º lugar, *Bitter* o 3º, *Intima* o 4º. Vieram na bagagem—*Zaire*, *Regalia*, *Sartarelle*, *Orpheu* e *Catana*.

Com um programma regular realisa amanhã o *Jockey Club* as suas corridas, e esperamos que esta sociedade tenha bom exito na realisacão do programma que pelo valor dos premios era merecedor de melhoes inscrições.

Sentimos com sinceridade vermos as outras sociedades annunciarem os seus programmas com premios inferiores e serem melhor succedidas nas suas inscrições, o que não podemos comprehender; e, assim, desejamos que o *Jockey Club* para outra vez procure estudar a conveniencia de reduccão dos premios!!.

L. M. BASTOS.

TRATOS Á BOLA

Decifraram as charadas dos ultimos *tratos* os Srs.: *Carapetão*, *Avêcê*, *Felicissimo Caipora*, *Fausto Junior*, *Fricinal Vassico*, *Mané-Quim*, *Josephina B*, *Pépe*, *Cacilda da Silveira* e *Beija-Flor*, e não acertaram os Srs.: *Um charadista da roça*, *Zé dos Pasteis* e *Oidivo*.

Abiscoita o premio o Sr. *Carapetão* que veio em primeiro lugar.

Eis as decifrações:—do logogrifho: *Cambucá*, das charadas: *Mathilde*, *Nome e Benedicto*; da pergunta: *Rapé* e da antiga: *Granada*.

E lá vae nova fornada. O *topetudo* que a puser em trocos miudos, terá, como sempre, um premio *chicanista*, cheio de requiffes e circumstancias.

Procura-o na fouca, procura-o no face;—
No fogo, de certo, niuguem pode achal-o.—
E' terra brazileia (porém terra fraca),
Por outra: cidade que tem peixe gallo.

Se tem «n» em vez de «o» é mulher.—3
Este é medico só de polypo.—2
Ponha mais um só «s» e ha de ter
Outra bella cidade, seu typo.

1—2—Só o tymbaleiro tem esta fazenda que tine.

1—2—A base, no alto, come-se.

LOGOGRIPO POR LETRAS

Comquanto coma,—1,2,5,6.
Suja é derrete;—5,4,1,2.
Tem agua, toma.—5,6,3,4,5,6.

Que isto vos fique em lembrança,
Leitor dilecto:
Vi na mão de uma creança
Este objecto.
Que na náu se mette—5, 6, 1, 2.

Agora, para finalizar, um problema sinho de *kekereké*, que se deve considerar como carta fóra do baralho; isto é, como não fazendo parte das charadas acima. Quem o decifrar lamber-se com o diploma de *muquiche* ou de *topetudo-mór* (diploma este que já foi mais

de uma vez conferido por esta secção), e mais com o imperio da China, de vendagem.

PROBLEMITO

Comprando-se sardinha e meia por 30 réis, por quanto se deverão comprar 25?

E agora: T-o — to, laranjeira:
Quem não quizer dar topada não ande de carreira.

(Ecclesiastes. Liv. XXXIII.
Vers. 3, 25.)

E... *Dominus vobiscum, et cum cacholis vestris. Amen.*

FREI ANTONIO.

FACTOS E NOTICIAS

O Club Olympico Guanabarense anuncia para amanhã esplendidas corridas. E de esperar que não falte animação. Que o tempo não lhe pregue alguma peça é o que desejamos.

Chegou da Bahia o distincto actor Boldrini. Veio a esta capital para organizar uma companhia dramatica e com ella percorrer o Sul.

Matrimoniou-se nesta corte com a Exma. Sra. D. Catharina Brando o Sr. Dr. Francisco D'Agostino. Parabens.

Efectua-se amanhã, com a assistencia de Suas Magestades e Altezas, o concerto organizado pelo Club Beethoven em beneficio do Asylo da Infancia Desvalida da Candelaria. Consta-nos que é magnifico o programma.

Sob o titulo *Bouquet Litterario* apparecerá brevemente uma colleção de escriptos em prosa e verso, organizada pelo Sr. Manoel Ignacio da Silva Teixeira.

O Sr. José Gonçalves dos Santos acaba de abrir na sua confeitaria á Rua do Ouvidor n. 105 um salão de tiro ao alvo, com entrada gratuita.

Os Srs. Gil & C., por intervenção do seu representante o Sr. A. J da Camara, enviarão-nos algumas garrafas de vinho Açor, produzido na ilha de S. Miguel.

E de sabor muito agradável, ligeiramente alcoolico e, sobretudo, muitissimo puro. Alguns dos nossos medicos o recommendam como excellente estomacal, recommendação que ratificamos gostosamente. Gostosamente é o adverbio unico que deviamos empregar, tratando de um vinho tão... gostoso.

FALLECIMENTOS

Com a idade de 21 annos falleceu na madrugada de 11 do corrente o Sr. Augusto Argemiro de Senna, irmão do nosso estimavel collega Ernesto Senna, do *Diario de Noticias*.

Nossos pezames.

Falleceu n'esta corte o coronel de 2ª classe Francisco Egydio Moreira de S. Pedro, chefe da 2ª secção da repartição do ajudante general.

Falleceu em Saquarema a respeitavel mãe do Sr. Saturnino de Azeredo. Sinceros pezames a seus filhos.

Falleceu em Mendes, a 6 do corrente, victima de uma cachexia palustre, o intelligente e activo engenheiro Dr. Victor Pujol.

Moço ainda, distinguu-se o finado em muitos e importantes trabalhos, confiados á sua immensa pratica pelos governos geral e provincial.

Além de varias explorações, estudos e projectos de que foi incumbido, construiu algumas estradas de ferro, entre as quaes a *E. F. Pirahyense*, onde, ao lado do benemerito brasileiro Coronel Joaquim Ovidio, desenvolveu toda a sua actividade em beneficio da difficil empreza.

Actualmente trabalhava em um importante projecto de uma estrada de ferro que, partindo de Barra Mansa, fosse ao Sul de Minas.

Lamentando o prematuro fallecimento do distincto moço, enviamos as nossas condolencias a seu irmão, o Sr. Hippolyto Pujol.

ANNUNCIOS

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinaarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicções medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoz, das 12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25
9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

Em todas as casas que tiverem a respectiva táboleta— annuncio.

CLUB OLYMPICO GUANABARENSE

NICTHEROY

29 RUA DE SANTA ROSA 29

PROGRAMMA

Da sexta corrida, a realisar-se no dia 15 de Agosto do corrente anno

- 1º pareo—200 metros.—Corrida rasa, para socios, que não levantaram o primeiro premio este anno. Premio: um alfinete de coral com brilhantes. 5 inscriptos.
- 2º pareo—140 metros.—Corrida rasa, para meninas de 8 a 12 annos, com vantagens. Premios: á primeira, um broche de ouro e perolas; á segunda, uma pulseira de ouro com perolas. 9 inscriptas.
- 3º pareo—560 metros.—Corrida rasa, para homens já vencedores em qualquer club de pareos de 500 metros para cima, sem vantagens. Premio: um porta-cigarros de prata e ouro. 9 inscriptos.
- 4º pareo—1120 metros.—Velocipedes para meninos, com vantagens. Premio: um relógio (Remontoir). 6 inscriptos.
- 5º pareo—150 metros.—Corrida rasa, para moças de 14 annos para cima, com vantagens. Premios: á primeira, uma pulseira de ouro e rubins; á segunda, uma pulseira de prata e ouro. 4 inscriptos.
- 6º pareo—300 metros.—Corrida rasa, para homens, com vantagens. Premio: um despertador de nickel dourado. 16 inscriptos.
- 7º pareo—200 metros.—Corrida rasa, para moços de 12 a 15 annos, com vantagens. Premio: um relógio. 7 inscriptos.
- 8º pareo—1400 metros.—Corrida rasa, para homens, com vantagens. Premio: um par de botões para punhos, ouro e brilhantes. 14 inscriptos.
- 9º pareo—140 metros.—Corrida rasa, para meninos de 7 a 11 annos, com vantagens. Premio: ao primeiro, uma guarnição completa para camisa; ao segundo, um par de botões para punhos, ouro e perolas. 9 inscriptos.
- 10º pareo—280 metros.—Corrida com barreiras, para homens, com vantagens. Premio: uma corrente de ouro. 13 inscriptos.

O 1º pareo terá logar ás 11 horas precisas, e nenhum direito a reclamación terão os Srs. inscriptos, se não comparecerem no edificio social a tempo de tomar parte no referido pareo.

HAVERÁ BONDS E BARCAS A TODA HORA

O 1º SECRETARIO, J. DE CASTRO

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA QUINTA CORRIDA

NO PRADO FLUMINENSE

DOMINGO 15 DE AGOSTO DE 1886

(A' 12 horas) — 1º pareo — GUANABARA — Animaes nacionaes de 4 annos e mais — 2.500 metros — Premios: ao primeiro 2.000\$ ao segundo 500\$ e ao terceiro 250\$ — Inscricção 100\$

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Talisman.....	Alazão.....	6 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
2	Boreas.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
3	Diva.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	47	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

A's 12 3/4 horas — 2º pareo — FERREIRA LAGE — Animaes nacionaes de meio sangue, que ainda não tenham ganho este anno — 1.300 metros — Premios: ao primeiro 600\$, ao segundo 200\$ e ao terceiro 100\$ — Inscricção 30\$

1	Peralta II.....	Castanho....	4 annos	Paraná.....	52 kilos	Preto, branco e encarnado.	C. P.
2	Nicoafi.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
3	Caporal.....	Alazão tost..	4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.
4	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	50 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
5	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	52 »	Idem e havana.....	A. C.
6	Bitter.....	Preto.....	5 »	Idem.....	54 »	Idem e emarello.....	H. J. da Silva
7	Intima.....	Castanho.....	5 »	Idem.....	52 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
8	Araby.....	Alazão.....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Granado e lyrio.....	Mario de Almeida.
9	Bonita.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e encarnado.....	José Machado.

(A's 1 1/2 horas) — 3º pareo — INTERNACIONAL — Animaes de todos os paizes e de puro sangue, até 4 annos — 2.000 metros — Premios: ao primeiro 1.500\$, ao segundo 400\$ e ao terceiro 200\$ — Inscricção para estrangeiros 100\$, para nacionaes 50\$.

1	Coupon.....	Alazão.....	3 annos	França.....	50 kilos	Azul, branco e encarnado...	Coudelaria Cruzeiro a.
2	Phrynéa.....	Castanho.....	4 »	Inglaterra....	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
3	Scylla.....	Idem.....	3 »	Idem.....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Gaudriole.....	Idem.....	3 »	França.....	48 »	Havana e branco.....	Idem idem.
5	Satan.....	Idem.....	3 »	Idem.....	50 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario de Souza,

(A's 2 1/4 horas) — 4º pareo — YPIRANGA — Animaes nacionaes de 3 annos — 2.000 metros — Premios: ao primeiro, 2.500\$; ao segundo 600\$ e ao terceiro 300\$ — Inscricção 100\$.

1	Dandy.....	Vermelho.....	3 annos	S. Paulo.....	52 kilos	Verde e amarello.....	F. Vianna.
2	Galgo.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.
3	Monitor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Plutus.....	Idem.....	3 »	Idem.....	52 »	Azul, branco, enc., e faixa.	Idem idem.
5	Plutão.....	Douradilho..	3 »	Idem.....	50 »	Velludo, azul e grénat.....	Lazaro & Lima.

(A's 3 horas) — 5º pareo — MAJOR SUCKOW — Animaes nacionaes de meio sangue — 2.000 metros — Premios: ao primeiro 1.000\$; ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscricção 50\$.

1	Boyardo.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	54 kilos	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara
2	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	52 »	Azul e branco.....	J. P.
3	Regalia.....	Vermelho....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco e bonet encarnado..	Mario de Oliveira.
4	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Branco e lista encarnada...	Oliv. Junior & Lopes.

A's 3 3/4 horas — 6º pareo, suplementar — EXPERIENCIA — Animaes de todos os paizes — 1.609 metros — Premios: 800\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro — Inscricção 50\$ para estrangeiros e 25\$ para nacionaes.

1	Dr. Jenner.....	Zaino.....	4 annos	Rio da Prata.	57 kilos	Grénat e bonet ouro.....	Oscar Machado.
2	Dignitaire.....	Alazão.....	3 »	França.....	55 »	Preto, branco encarnado..	Coudelaria Paraizo.
3	Sylvia II.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	60 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
4	Sybilla.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	54 »	Azul, branco, e enc. e faixa	Idem idem.
5	Victoria.....	Idem.....	3 »	Inglaterra....	53 »	Vermelho.....	Coud. Mirim.
6	Aspasia.....	Castanho....	4 »	Idem.....	55 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.

(A's 4 1/2 horas) — 7º pareo — DEZESEIS DE JULHO — Animaes de qualquer paiz, até 3 annos — 1.609 metros — Premios: ao primeiro 1.000\$, ao segundo 300\$ e ao terceiro 150\$ — Inscricção para estrangeiros 80\$ e para nacionaes 40\$.

1	Peruana.....	Zaino.....	3 annos	Inglaterra....	48 kilos	Az. e ama.; b. enc. e azul...	J. Rocha.
2	Coupon.....	Alazão.....	3 »	França.....	50 »	Azul, branco e encarnado..	Coudelaria Cruzeiro.
3	Scylla.....	Castanho....	3 »	Inglaterra....	48 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
4	Satan.....	Idem.....	3 »	França.....	50 »	Grénat e bonet ouro.....	Mario e Sousa.

OBSERVAÇÕES — Previno aos jockeys que deverão apresentar-se ao peso conveniente-mente vestidos, de accordo, com a inscricção e pontualmente ao toque da sineta, e que infracção será punida com as penas do codigo.

Rio, 11 de Agosto de 1886.